

NARRATIVAS DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO: IMAGENS EM CONSTRUÇÃO, A LITERATURA DE CORDEL E A BUSCA PELO *EFEITO DE REAL*

Ana Cláudia Veras Santos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ) ¹

Resumo: A história da seca na literatura de cordel sobre o Caldeirão dos anos 1970 em diante traz reflexões acerca da comunidade liderada pelo beato José Lourenço que o enaltecem e acusam segmentos governamentais de abandonarem o povo à própria sorte. Isso coincide com pensamentos como os de Landim (2005), ao tratar do enfoque sociopolítico da seca, como também com as memórias dos remanescentes do fenômeno que evocam as benfeitorias realizadas no Caldeirão no período de estiagem, através de trabalho realizado por Lopes (2011). A partir dessa simbiose de vozes presente nesses textos, intencionamos buscar o que Barthes (1972 e 2004) denomina de *efeito de real*.

Palavras-chave: Narrativas; Literatura de cordel; Caldeirão; Seca; *Efeito de real*.

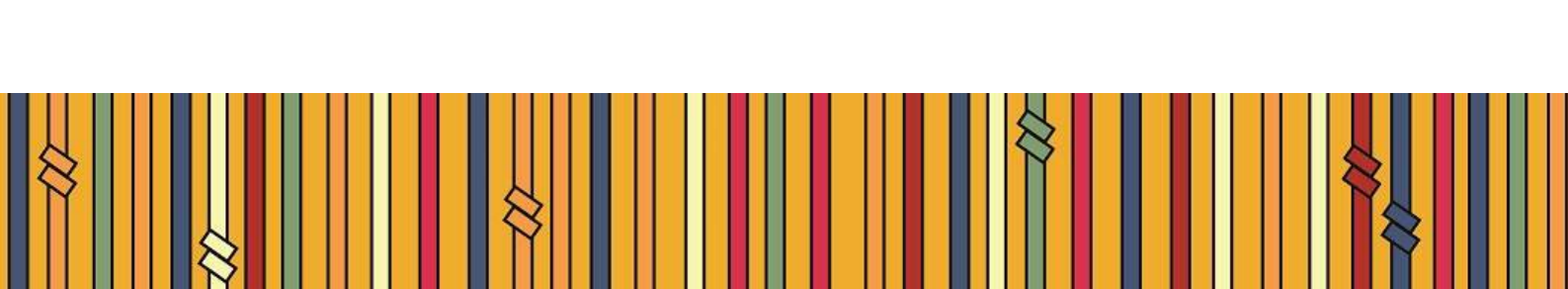
O ensaio ora apresentado é o início de uma reflexão sobre o *efeito de real* que vem sendo matizada a partir de pesquisas sobre o fenômeno Caldeirão na Literatura de cordel². Estando nesse momento em frente a um horizonte teórico cuja aproximação entre literatura e história se faz ainda mais pertinente, tento não exercer juízos de valor ou buscar verdades, e sim tecer conjecturações sobre as narrativas em questão, que em sua maioria são versos de cordéis, depoimentos e estudos acadêmicos. Estabelecendo, desde que possível, relações de “verossimilhança” entre elas.

Visamos também perscrutar o “efeito de real”, conforme apontado por Barthes (1972 e 2004), devido ao nosso interesse em apreciar a forma pela qual o poeta cordelista (re)criou sua história a respeito do Caldeirão e da seca³, de modo a compará-la à luz dos aspectos considerados por ele determinantes, como por exemplo: a religião, a política, a sociedade, a História, a cultura, o misticismo ou outros textos.

1Graduada em Letras Português-Literaturas (UFC), Mestre em Literatura Comparada (UFC), Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará. Contato: claudiaverass@gmail.com

2Desenvolvo pesquisa em torno das representações do Caldeirão na Literatura de cordel, desde o Mestrado e tendo a mesma se estendido para o Doutorado, pretendo contemplar folhetos dos anos 1970 em diante com outras narrativas sobre o fenômeno a fim de perscrutar, principalmente, se houve mudança de paradigmas na condução e legitimação dos argumentos narrados pelo poeta popular e se a teia resultante dessas narrativas é o que corresponderia ao *efeito de real* idealizado por Roland Barthes.

3Elegemos a seca como elo comparativo entre esses textos cuja finalidade seria nesse primeiro momento ilustrar de que maneira o narrador problematiza a vivência causada por essa intempérie.



Sobretudo, as análises se baseiam na forma pela qual o fato, no caso a história do Caldeirão do beato José Lourenço, foi apropriado posteriormente pela literatura de cordel. Diante disso, percebemos que o fato não é o mesmo de 1936, mas sim o que resultou do seu desenvolvimento e transformação ao chegar aos anos 1970, 1980, 1990, depois, inclusive, de vivenciar três décadas de silêncio. O que certamente fez muita diferença nessa retomada.

Partindo dessa reflexão, pensamos que o poeta aqui visitado, além de artesão da palavra, pode ser considerado um cronista por excelência, porque conta histórias de seu tempo ou mesmo de acontecimentos passados, que ele não conheceu, no entanto “ouviu falar”. Ele atualiza esses fatos, algumas vezes tirando do esquecimento situações que podem ter sido enterradas pelo tempo ou pelas mãos do poder estabelecido.

A maneira como o poeta vai tecer sua narrativa se dá através de uma fórmula particular; cada abordagem requer um olhar diferenciado, pois seus autores são diferentes entre si, o que nos permite dizer que o desafio em contemplar um *corpus* diversificado do ponto de vista da autoria, por exemplo, faz com que, mesmo havendo confluências nessas narrativas, a memória em cada uma delas é construída de maneira distinta e impulsionada por fatores também peculiares, de modo a termos em cada cordel uma nova história sobre o Caldeirão, elaborada por teias que se encontram em algum ponto do tempo ou do espaço. Vejamos *A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho*, cujo destaque é dado à seca:

**A mentalidade era outra
sem juventude avançada
quando a seca aparecia
não queria saber de nada
o povo morria as tontas
de fome, peste e cansada.**

[...]

**Agora, quando se estuda
essa história sem atenção
chama-se o beato de fanático
perverso, ruim, ladrão
mas o beato foi bom
caridoso, justo e cristão.**
(BATISTA, 1990, p. 12-13 – *grifo nosso*).



O poeta, conforme se depreende de seus versos, é um partidário de José Lourenço. Ele lança a crítica da falta de assistência ao povo do sertão e alude que se morria de fome na época da seca.

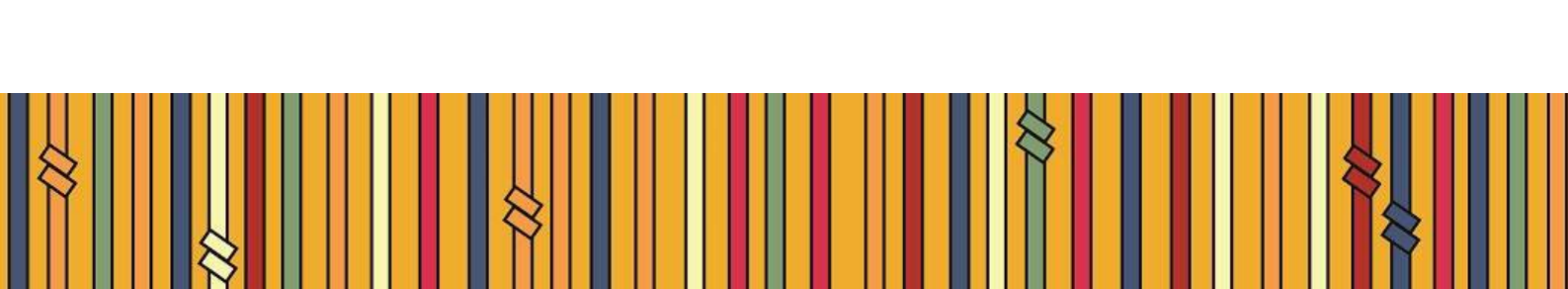
A ação de narrar pela memória ou pela emoção pode ser o reflexo de uma consciência que ora busca por suas raízes históricas, outra necessita comunicá-las aos demais. Batista afirma que sua perspectiva sobre o Caldeirão, lhe foi transmitida por sua mãe, que teria conhecido o beato e a comunidade de perto⁴. Acerca das motivações das representações, não cabe generalizá-las, pois cada poeta tem seu motivo específico para compor sua narrativa, que pode ir do ato de contar uma história simplesmente, a fazer justiça através das rimas ou até mesmo “devolver para o povo sua história”, segundo palavras de Tarso (1992), cordelista também presente em nosso *corpus*.

As informações sobre os conflitos travados no Caldeirão chegaram ao presente, de certa maneira, como notícias velhas de um tempo em que reinava no sertão a desordem, a seca, a fome, o fanatismo religioso e a insubordinação de povos, que se apresentavam como ameaça à civilização e ainda como contraventores partidários de um ideal oposto ao regime político brasileiro, visto que chegaram a ser considerados comunistas. (FRAGOSO, 2005).

A narrativa, por outro lado, sobreviveu a esse colapso de informações cotidianas, de acordo com Benjamin: “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (1994, p. 204). É dela, pois, que nosso poeta bebe, é uma fonte que mesmo em terreno árido não seca. Embora perene, por vezes parece também oásis inatingível para a boca abrasada sem “voz” nem “verso”. Nesses momentos o silêncio a alivia, e juntos eles vão se misturando, numa metamorfose gerada pelo tempo, resultando em um novo estado de coisas.

Caldeirão é o lugar onde a comunidade liderada pelo beato José Lourenço viveu entre os anos de 1926 e 1936, situado nas proximidades do município do Crato. Na época em que Lourenço foi para lá, sob as recomendações do Padre Cícero, dono da propriedade, o sítio era um lugar inóspito. De acordo com observações presentes em Della Cava (1976) e Lopes (2011), por exemplo, os romeiros que chegavam ao Juazeiro

⁴Em entrevista realizada com Abraão Batista por mim durante a Bienal do livro de Fortaleza em 2012.



do Norte iam em grande maioria fixar moradia junto ao beato e lá passaram a desenvolver benfeitorias e a compartilhar de um regime de trabalho, cujos resultados eram divididos igualmente.

Nesse ritmo a comunidade cresceu e chegou aos anos 1930 demonstrando desenvolvimento e organização quanto aos ritos religiosos e à sua estrutura, de tal maneira que, na época da seca de 1932, o Caldeirão alimentou diariamente centenas de retirantes que ali recorriam para não morrer de sede ou fome, segundo os versos a seguir do cordel *O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão*:

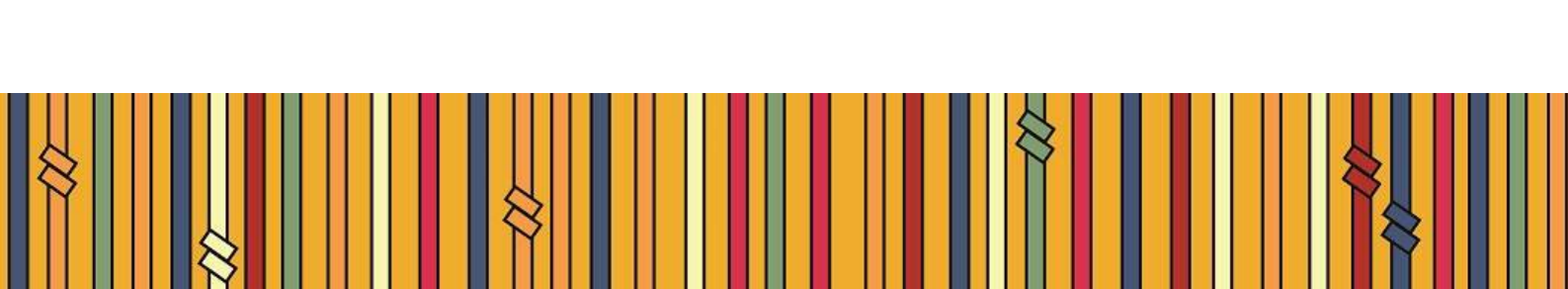
Como em Juazeiro não cabia
o povo que ali chegava
fugindo da seca grande
que o Nordeste assolava
Padre Cícero então mandou
e o beato concordou
e pro Caldeirão se mudava

O lugar era ingrato
pois água ali não havia
era um socavão de serra
dos piores que existia
seu povo então trabalhou
com muita fé e amor
fez ali sua moradia

Em novecentos e trinta
o povo em mutirão
fez um açude e barragem
para aguar a plantação
mais de mil ali morava
e todo mundo se ajudava
era tudo como irmão
(RODRIGUES, 1981, p. 4 - 5 – *grifo nosso*).

Rodrigues faz um percurso como os poetas partidários da proposta do Caldeirão fizeram, relatando as benfeitorias desenvolvidas na comunidade e o ideal de igualdade na divisão dos frutos do trabalho, o que sem dúvida é apresentado pelas representações aqui analisadas, como o grande mérito de José Lourenço.

Tinha engenho de rapadura
plantio de algodão



nas baixas plantava arroz
na serra milho e feijão
guardava o que se colhia
num armazém **repartia**
prá todos uma ração

Em trinta e dois quando a seca
devastou todo o sertão
lá ninguém morreu de fome
ou se passou precisão
repartiam o que sobrava
com todos que ali chegavam
cresceu a população.
Para o pobre retirante
que da sequeidão fugia
procurando água no Crato
curral do Governo havia⁵
era um chiqueiro prá gente
morrer ou ficar demente
só maldade acontecia

Os poucos que escapavam
fugiam pro Caldeirão
sabendo que lá na serra
recebiam proteção
em troca do seu trabalho
receberiam agasalho
comida, água e oração.

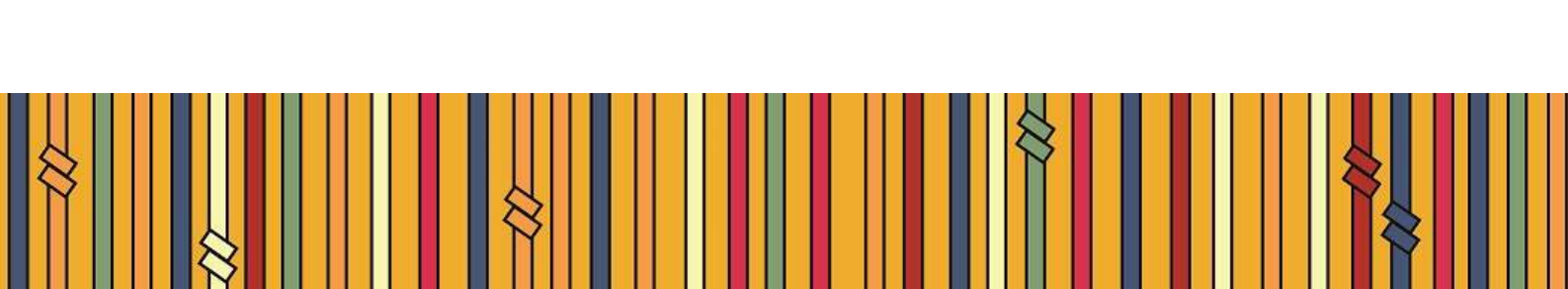
[...]

Depois de repartir tudo
e guardar pra precisão
o que sobrava vendiam
nas feiras da região
tinha tudo pra dar certo
o povo pobre é esperto
e sabe ter decisão
(RODRIGUES, 1981, p. 5 - 6 – *grifo nosso*).

Todavia, com a morte do Padre Cícero, em 1934, os Salesianos, herdeiros das terras, passaram a reclamar a posse e exigir a saída dos caldeirenses.

A partir disso, em 1936 se deu a expulsão dos trabalhadores do Caldeirão e depois um conflito com mortes de oficiais e camponeses, que culminaria em 1937 no massacre

⁵“Curral do Governo” é como os camponeses se referiam aos campos de concentração reservados aos chamados flagelados da seca. Sobre o assunto ver RIOS, kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.



de centenas de pessoas e em uma “perseguição” que durou anos, passando então o assunto a ser proibido, inclusive na literatura de cordel, como veremos mais adiante.

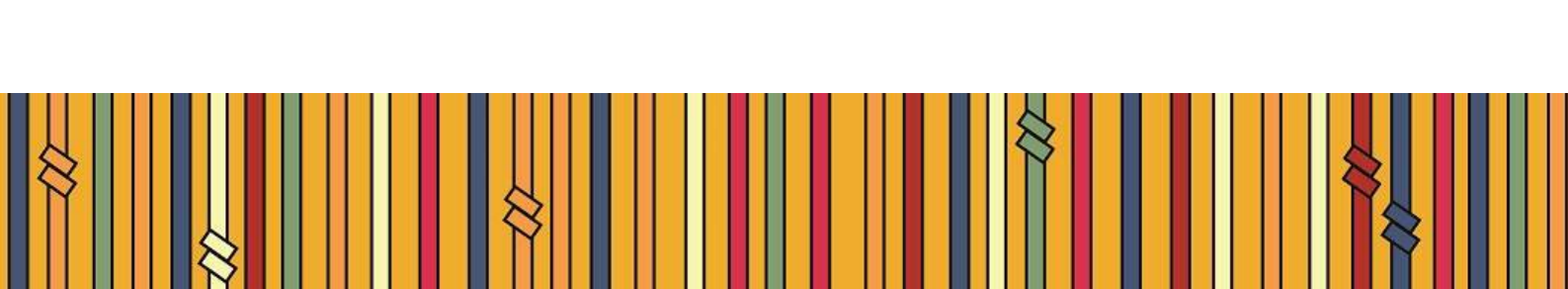
O Caldeirão era lugar de trabalho e oração, alternativa à miséria e à exploração que muitos camponeses viviam no sertão, como, por exemplo, quando estavam a serviço dos proprietários de terras da região. De acordo com a remanescente Dona Marina, entrevistada por Lopes (2011), a cena no Caldeirão assim se ilustra:

E assim a vida da gente era essa. Trabalhando. Então, tinha muita fartura. Muito legume. Nada faltava. Tudo que tinha era nosso. Nós vivia em comum. Tudo se comia em comum. [...] Agora, a gente era um povo mais ou menos. Um povo simples. Um povo que não tinha luxo. Não tinha escândalo. Um povo decente. Se havia qualquer coisa o beato chamava atenção, dava um bom conselho. E, ali aquilo tudo passava (...). (D. MARINA apud LOPES, 2011, p. 68).

A literatura de cordel se insere nesse plano formado por ambiguidades, conservadorismo e opressão, tendo sido em certas ocasiões alvo de censura, perseguição e depredação de seu produto material, que é a própria obra literária e artística ou até mesmo do poeta, seu autor intelectual.

Intuímos estar aí também os motivos da escassez de folhetos acerca de determinados assuntos em períodos recortados da história, onde inserimos o Caldeirão. Outros fatores contribuem para essa carência de títulos que tratam da comunidade liderada pelo beato José Lourenço⁶. Afora os já mencionados, apontamos a fragilidade do material em que são confeccionados os folhetos e a forma como as editoras, tipografias, folhetarias ou mesmo os proprietários guardavam suas coleções, sem muito zelo, na maioria dos casos. Enfim, são explicações que pesquisadores, como Kunz (2011) e Carvalho (2006), alcançaram ao longo de anos de observações em campo. “Além do mais a repressão violenta dirigida contra Canudos e mais tarde contra o

⁶Essa afirmação é dada a partir dos resultados de nossa dissertação de Mestrado (SANTOS, 2012), em que percebemos que dos anos 1930 até 1970, tínhamos apenas dois folhetos aludindo ao Caldeirão, sendo um feito por José Bernardo, antes da expulsão dos caldeirenses, favorável ao beato e outro pós-expulsão, feito pelo soldado poeta que utiliza o pseudônimo José Santana, contrário aos trabalhadores da comunidade da Santa Cruz do Deserto cuja versão foi a que permaneceu até os anos 1970, quando as narrativas sobre o Caldeirão voltam para o cordel. De toda maneira até meados dos anos 1990, só dispúnhamos de seis versões sobre o fenômeno. As versões remanescentes podem ser vistas em Holanda e Cariry (2007).



Caldeirão não deve ter encorajado o desabrochar da liberdade de expressão dos portavozes do povo.” (KUNZ, 1994, p. 29).

Passado quase meio século do fenômeno, atentemos para mais uma versão feita pelo poeta popular para o cordel *Pequena história do Caldeirão: à guisa do romance popular*:

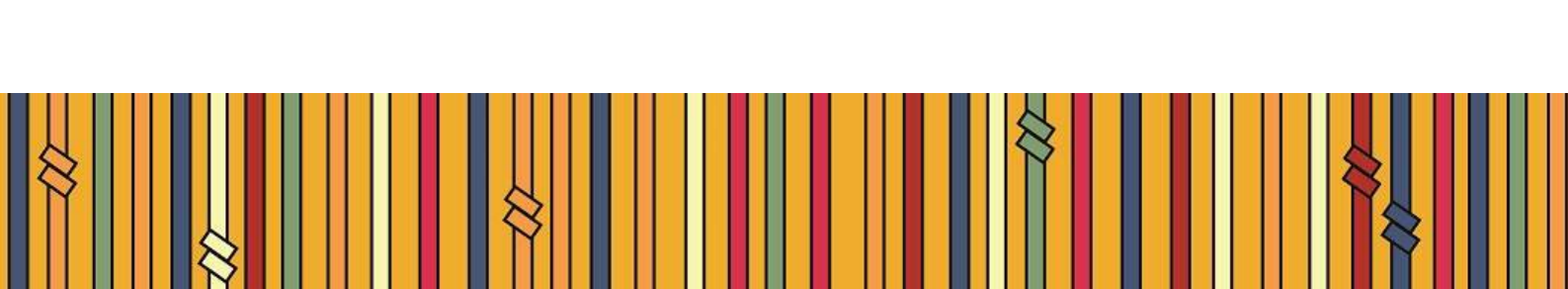
**Em trinta e dois no sertão
Houve uma grande seca
Que expulsou muita gente
E a coisa ficou muito preta
No Caldeirão, não faltou.
Comida não, meu senhor,
Mesmo com a coisa estreita.**

**Amigo aquela receita
Difícil de ser aplicada,
Pelos “Coronéis” do Sertão
De incompetência provada
Para o trabalho com o povo,
Com aquele estilo novo,
A consciência foi tocada.**
(ALVES, 1984, p.4 – *grifo nosso*).

Nesse ponto há concordância também com Landim (2005), Holanda e Cariry (2007) e com a memória do Sr. João Silva, remanescente entrevistado por Lopes (2011), conforme acompanhamos respectivamente nos trechos a seguir:

O que confere à seca a peculiaridade de um fato social e de grande significação pode ser resumido da seguinte maneira: em primeiro lugar, a desarticulação do processo de acumulação em termos regionais e de classe social; em segundo lugar, a desagregação das famílias e aglomerados humanos, sobretudo entre camponeses e trabalhadores sem terra; finalmente, a pressão social e política que as classes subalternas e a classe dominante da região exercem sobre o poder público municipal, estadual e federal para que ponha em execução uma política de amparo às populações flageladas pela seca (dela decorrem, o coronelismo e o cangaço muitas vezes. (LANDIM, 2005, p. 12).

Antônio de Alencar Araripe, prefeito do Crato na época, conta que todos os dias chegavam trens repletos de flagelados [...]. Sem outros recursos, o prefeito mandava colocar essa gente no sítio Buriti, espécie de campo de concentração, que o povo chamava de “Curral do Governo”. [...] Antônio Alencar Araripe confessa: **“Eu mandava**



diariamente abrir grandes covas para enterrar os mortos. Só tinha fome e peste, era um horror.” Para os flagelados que chegavam ao Caldeirão, na seca de 32, o beato José Lourenço abriu os celeiros de víveres da comunidade. Alimentados, os retirantes juntaram-se ao trabalho com a irmandade da Santa Cruz do Deserto. Dois grandes açudes foram construídos, tornando possível um sistema rústico de irrigação. (HOLANDA e CARIRY, 2007, p, 72 – 74 – *grifo nosso*).

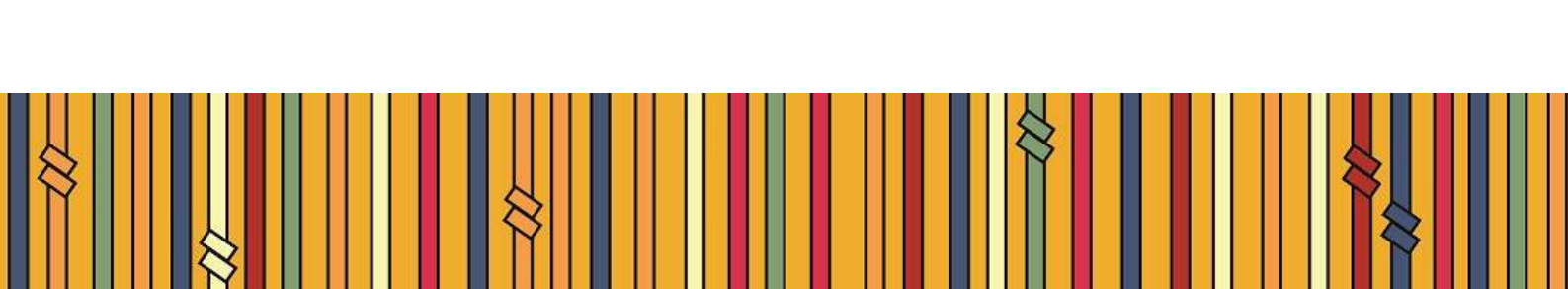
A seca de 32... é que tudo quanto ele (beato) tinha, desde o Caldeirão, que tinha plantado até a Serra do Araripe, tinha 600 tarefas de mandioca, isso aí tudim, foi pra o povo se alimentar. [...] Graças a Deus, nós que tava lá com ele nunca foi preciso vir pra esse Curral do Buriti. É, esse pessoal aqui (Juazeiro), coitado dos pobrezim, tudo iam pro Curral do Buriti morrer empambabo com a suruina da Bahia, com aquela farinha. (S. JOÃO apud LOPES, 2011, p. 80).

Ponto comum entre as narrativas do cordel referentes ao Caldeirão, após romperem com o silêncio de tantos anos, é a menção à referida seca de 1932. Nessas representações o episódio é lembrado como momentos de grandes dificuldades acrescidas pela falta de assistência dos órgãos públicos. No entanto, quando se referem a esse mesmo tempo vivido no Caldeirão, o discurso é de que lá havia amparo tanto para os moradores da comunidade, quanto para aqueles que recorriam diariamente ao beato José Lourenço, de maneira que essa “realidade” passa a ser referência nas narrativas sobre o Caldeirão. É algo em torno do que Barthes sentencia como o essencial da narrativa histórica, que se supõe que relate “aquilo que se passou realmente”. (2004, p. 188).

A situação retratada de que José Lourenço promovia melhorias na vida daquela gente, especialmente, no período da seca, o diferenciava dos responsáveis “legítimos”, o que finalmente repercutiu negativamente contra o beato.

Com a vassalagem abalada
Pelo exemplo do Caldeirão,
Começaram a inventar
Histórias sem proporção,
Diziam que o Beato
Tinha no seu amparato
Regime de escravidão

Espalharam no sertão
As calúnias e maldades,
A ponto de incentivarem



Até as autoridades,
E passaram a colocar
Pessoas pra observar
A todas as atividades.
(ALVES, 1984, p.5 - *grifo nosso*).

Em corroboração com o Alves, o poeta Rodrigues (1981, p. 6) diz que, as pessoas que recorriam ao Caldeirão durante a seca de 1932, “em troca do seu trabalho/receberiam agasalho/comida, água e oração”, de modo que o que José Lourenço fazia não era propriamente caridade, tampouco “escravidão”, visto que o poeta fala que as pessoas trabalhavam e recebiam por isso.

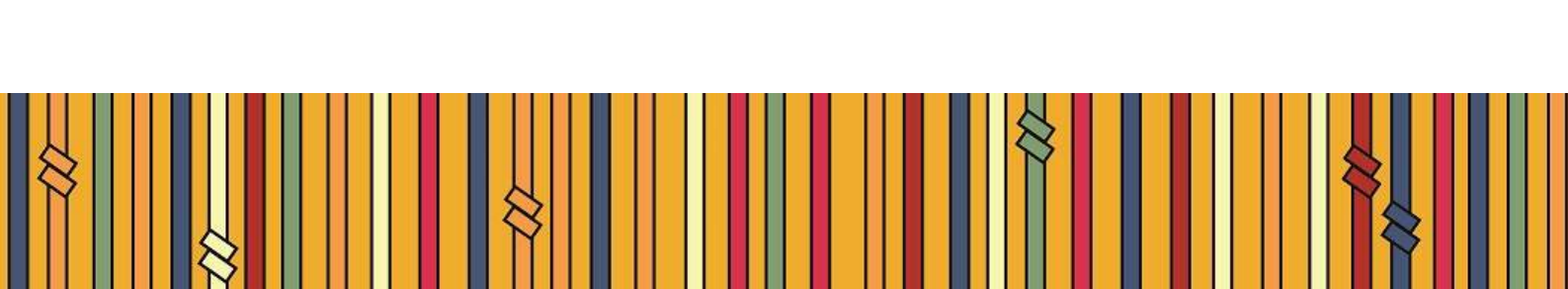
Hoornaert confirma essas ressalvas, quando menciona a ocasião da seca de 1932, em que o Caldeirão mostrou seu valor entre os “camponeses pobres do Cariri”, alimentando-os diariamente: “Essa façanha, não só de caridade, mas de operacionalidade e organização, foi mantida durante 23 meses, por todo o tempo em que a seca assolava o sertão e o vale do Cariri.” (HOORNAERT, 1988, p. 100).

Observa-se que as representações em contemplação convergem quando relatam a situação de seca vivida no Caldeirão. As diferenças podem ser apontadas no tocante à escolha dos argumentos, talvez pelas ideologias do poeta ou do contexto a que ele se associa, assim, aspectos religiosos, políticos ou biográficos são expostos de acordo com a percepção de cada poeta. Comparemos uma última narrativa desenvolvida no cordel *O Beato José Lourenço e o Caldeirão*:

**No ano de trinta e dois
Com a seca no Nordeste
O povo passava fome
No grande sertão Agreste
Pois o governo safado
Era pior que a peste.**

**Mas o Beato Lourenço
Homem muito prevenido
Abrigou no Caldeirão
Quem o fazia pedido
Fazendo sem interesse
Pois não tinha nem partido.**(GOMES, 1992, p, 07 – *grifo nosso*).

Vemos que a seca de 1932 aparece na versão de Gomes, com críticas ao Governo e defesas ao beato José Lourenço, que, segundo ele, sustentou os famintos naquela ocasião.



Associando isso às reflexões de Lopes (2011), é possível notar mais semelhanças entre essas e os versos de cordel aqui apreciados:

Durante a seca de 1932 no Cariri, houve uma outra forma de ajudar os flagelados. O Caldeirão acolheu e deu alimento a centenas de sertanejos de Pernambuco, Rio Grande do Norte e do próprio Ceará. Muitos dos que foram escapar da fome no Caldeirão acabaram ficando lá mesmo e integraram-se à comunidade. O acolhimento foi uma prática não só nos períodos de seca, mas é claro que nas secas chegava mais gente. Em 1932, a organização do Caldeirão já estava tão bem estruturada que não houve grandes problemas no socorro dos flagelados. (LOPES, 2011, p. 79).

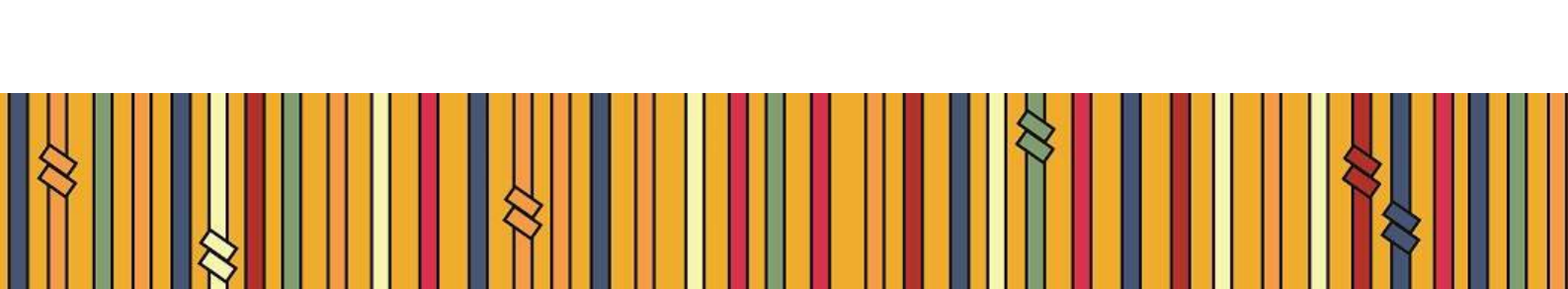
Importa dizer, ainda, que as narrativas aqui em destaque abordam a temática da seca no Caldeirão através de ângulos diferentes, trazendo à tona o que o seria o “real” ou o “verossímil” na história do Caldeirão e do seu líder, de maneira que a representação se realize circunstancialmente através do embate dessas memórias. De modo que a presença da seca aí se configure como uma personagem fundamental para o desenvolvimento dos argumentos dos poetas.

Vejamos que a história do Caldeirão passa através dos tempos por diversos pontos de vista. Especialmente por se tratar de um fenômeno contraditório quanto sua apreciação pela sociedade. Principalmente no período em que vingou.

Nas narrativas aqui elencadas, vimos um conjunto de relatos que, se olharmos pelo patamar da análise do discurso, apontaria para uma formação de uma “nova história” do Caldeirão. Uma vez que são versões que divergem de outros relatos fixados na memória cearense pela ótica oficial durante muitos anos, conforme depreendemos de Holanda e Cariry (2007), por exemplo. Certamente, são reflexões que devem ser maturadas. Lançamos por agora uma possível leitura, uma perspectiva de encontro com o “efeito de real”, para onde essas narrativas do presente talvez sinalizem.

Afinal, é como nos orienta Barthes:

O real nunca é mais do que um sentido, revogável quando a história o exige e pede uma verdadeira subversão dos próprios fundamentos da civilização. (BARTHES, 2004, p.179).



Esse processo que permeia entre essas narrativas em torno da memória do Caldeirão, talvez seja “o puro encontro de um objeto e sua expressão”, algo que Barthes denominou de *efeito de real*.

Referências bibliográficas:

BARTHES, Roland. **Literatura e semiologia: pesquisas semiológicas**. Petrópolis: Ed. vozes, 1972.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BATISTA, Abraão. **A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho**. Juazeiro do Norte: Ed. Esp. 3M, 11/1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnabin. 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BINES, Rosana Kohl. Cotejando a dor: narrativas da barbárie. *In*: HENRIQUES, Ana Lúcia de Souza (org.). **Literatura e comparativismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto**. Fortaleza: Cariri Filmes, 1985. Longa- metragem. Documentário. (78 min).

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra popular: o cordel de Juazeiro**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Tradução de Maria Yeda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FRAGOSO, Dom Antônio Batista. A prática da força transformadora que é o amor não violento. *In*. FRAGOSO, Dom Antônio Batista *et al*. **Igreja de Crateús (1964 – 1998)**. São Paulo: Loyola, 2005.



GOMES, Paulo de Tarso B. **O Beato José Lourenço e o Caldeirão**. 1. ed. 2M. Fortaleza: [s.n.], 1992.

HOLANDA, Firmino e CARIRY, Rosemberg. **O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: apontamento para a história**. Fortaleza: Interarte, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. Questões metodológicas acerca da igreja de Caldeirão (heurística e hermenêutica). *In*. 1º Simpósio internacional sobre o Padre Cícero e os romeiros de Juazeiro do Norte, 1., 1988, Juazeiro do Norte. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1988. p. 88-109.

KUNZ, Martine: **Cordel: A voz do verso**. 2. Ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.
_____. Os milagres do milagre na voz do poeta popular. *In*: Caderno cultural nº 10 – **Padre Cícero**. Fortaleza: Edições Fundação Cultural de Fortaleza, janeiro/fevereiro - 1994.

LANDIM, Teoberto. **Seca a estação do inferno – uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador**. 2ª Ed. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

LOPES, Régis. **Caldeirão: estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades**. 2. ed. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, 2011.

RIOS, kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

RODRIGUES, J. Normando. **O beato Zé Lourenço e o boi Mansinho ou: a chacina do Caldeirão**. Crato: Gráfica ABC, junho de 1981.

SANTOS, Ana Cláudia Veras. As representações do Caldeirão do beato José Lourenço na Literatura de Cordel. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.